

## Como definir literatura

*Sérsi Bardari* (fev. 2012)

Definir literatura é tarefa, se não de todo impossível, um tanto quanto complexa. Tentativas de conceitualizar o fato literário surgiram na Antiguidade grega nos séculos V e IV a.C. Exemplo disso são as obras *Arte Retórica* e *Arte Poética*, de Aristóteles, ainda hoje fundamentais para o estudo da literatura, como explica Amora<sup>1</sup>:

[...] se quiséssemos definir, em termos essenciais, o sentido das especulações literárias dos gregos, poderíamos dizer que elas se voltaram, primeiro, para o problema da caracterização da obra literária, com o que se procurou, então, distinguir a literatura da não-literatura; em segundo lugar, para a formulação de um conjunto de preceitos que deviam ser seguidos pelos escritores [...].

Conforme ensina Eagleton<sup>2</sup>, de maneira apressada, é possível definir literatura como escrita “imaginativa”, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica. Mas tal definição não procede na prática.

*Iliada* e *Odisseia*, por exemplo, obras que inauguram a literatura ocidental, mesclam relatos das guerras por conquistas de territórios na Grécia antiga com narrativas mitológicas sobre os deuses do Olimpo, em técnicas narrativas bem formalizadas.

Entre os séculos XVI e XVII, os romances e as notícias não eram claramente fatuais nem claramente fictícios. Na história da literatura brasileira, por exemplo, obras como as de Pero Vaz de Caminha, padre José de Anchieta e padre António Vieira são consideradas literárias, sem que sejam ficcionais na sua integralidade. À época, tanto José de Anchieta quanto António Vieira compreendiam suas reflexões filosóficas e teológicas como verdades, mas muitos estudiosos atualmente as leem como literatura.

Mesmo nos dias de hoje, se a literatura inclui muito da escrita fatural, também exclui uma boa margem de ficção. Os livros de Fernando Morais, autor de *A Ilha*, *Olga*, *Chatô: o rei do Brasil*, *Corações sujos*, entre outros, tratam de fatos reais reconstruídos à luz da “imaginação” do autor.

Diante dessa dificuldade, torna-se necessário buscar caminhos diferentes para definir literatura. Talvez a literatura possa ser definida não pelo fato de ser ficcional ou

---

<sup>1</sup> AMORA, Antônio Soares. *Introdução à teoria da literatura*. 18.ed., São Paulo, Cultrix, 2010, p. 24.

<sup>2</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6.ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 1.

“imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Como diz Eagleton<sup>3</sup>, a “literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”.

A literatura seria então um tipo de linguagem que atrai a atenção sobre si mesma e deixa evidente sua natureza material. Esse tipo de definição acerca da literatura surge com os formalistas russos, antes da revolução bolchevista de 1917. Os formalistas rejeitaram as doutrinas simbolistas que orientavam a crítica literária até aquele momento e voltaram a atenção para o aspecto material da linguagem literária.

Entre os formalistas russos mais divulgados no Brasil, encontra-se Roman Jakobson<sup>4</sup>, um dos primeiros a descrever as funções da linguagem, tão estudadas no campo da Comunicação.

O formalismo (a palavra vem de *estudo da forma*) preconiza a obra literária como uma realização material, cujo funcionamento pode ser analisado do mesmo modo como se examina um objeto mecânico ou eletrônico. Em termos teóricos, o formalismo representou a aplicação da linguística ao estudo da literatura, deixando de lado a análise do conteúdo e do sentido.

Para os formalistas, o conteúdo era apenas um motivo para a construção da arquitetura do texto. Entre os mecanismos textuais observados por eles, estavam o som, as imagens, o ritmo, a sintaxe, a métrica, a rima, as técnicas narrativas. Embora reconhecessem a relação da arte com a realidade social, afirmavam que essa relação não deveria se constituir como objeto de estudo do crítico literário.

Obviamente, os formalistas foram muito criticados por essa posição, a qual gerou até mesmo uma imagem negativa do grupo dentro dos círculos acadêmicos. Por meio das análises, os formalistas buscavam observar as características específicas da linguagem literária, ressaltando os aspectos que a diferenciavam das demais formas de discurso, especialmente das do linguajar comum.

Os formalistas entendiam que no dia a dia da fala cotidiana, a percepção e a reação dos indivíduos perante a realidade são muito tênues, ou seja, “automatizadas”. Já a literatura, ao impor uma consciência dramática da realidade, torna os fenômenos mais “perceptíveis”. Assim, por meio da literatura, o ser humano vivencia a experiência de maneira mais intensa.

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>4</sup> JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8.ed., São Paulo, Cultrix, 1975.

Os formalistas entendiam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma. Mas, como explica Eagleton<sup>5</sup>, a “ideia de que existe uma única linguagem ‘normal’, uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão”.

O grupo de linguistas russo aceitava o fato de que as normas e os desvios se modificavam de acordo com o contexto social e histórico em que a linguagem era empregada. Entendiam, portanto, que a apreensão de um texto como ato literário ou poético dependia da localização do receptor em um determinado lugar espacial e temporal.

Assim, o caráter literário de uma determinada produção verbal só poderia ser estabelecido pelas relações de diferenças entre um tipo de discurso e outro, e nunca como uma característica intrínseca e perene. Isto porque não há nenhum recurso linguístico dito literário – figuras de linguagem, por exemplo – que não seja também usado de maneira corriqueira no discurso dito comum. Mesmo assim, os formalistas consideravam o efeito de “estranhamento” como a essência da literatura.

As ideias formalistas originaram-se do caráter formal que a poesia ostentava na época. Daí a considerar toda a literatura como “poesia” foi um passo. Mesmo quando trataram da prosa, os formalistas estenderam a ela as técnicas utilizadas para analisar as poesias. Porém, não se pode englobar poesia e prosa em uma mesma modalidade, como explica Eagleton<sup>6</sup>:

[...] De modo geral, porém, considera-se que a literatura contenha muitas outras coisas além da poesia – por exemplo, obras realistas ou naturalistas que não são linguisticamente autoconscientes, nem constituem uma realização particular em si mesmas. Por vezes, um estilo é considerado “bom” precisamente porque *não* atrai sobre si mesmo uma atenção indevida: admiramos sua simplicidade lacônica ou sua sobriedade.

Em suma, definir literatura seria uma questão de entender tanto que tipo de atitude as pessoas podem tomar por meio do ato de escrever, quanto que tipo de efeito a escrita pode causar à percepção das pessoas.

Se um poeta escreve que *a menina põe no cabelo uma estrela e um véu e diz que caiu do céu*, isso não quer necessariamente dizer que ele tenha conhecido uma menina que tenha feito e dito isso, de fato, mas simplesmente que ele quer expressar que é da natureza das

---

<sup>5</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6.ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 7.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 9.

meninas ser sonhadoras e imaginativas. Dessa forma, pode-se dizer, junto com Eagleton<sup>7</sup>, que a literatura é o discurso “não pragmático”, ou seja, que não tem finalidade prática específica, como tem por exemplo um manual de aparelho celular ou um *e-mail marketing* criado para divulgar algum tipo de produto ou serviço.

Essa definição faz com que a literatura seja compreendida como algo cujo enfoque esteja mais na maneira de falar do que, propriamente, naquilo de que se fala. É por essa razão que muitos estudiosos referem-se à literatura como uma espécie de linguagem que fala de si mesmo, isto é, uma linguagem autorreferencial.

Mas, a despeito da propriedade dessa afirmação, não se pode excluir da compreensão do que seja literatura a relevância psicológica, social, histórica, entre outros valores, daquilo que é dito nos textos literários. Ao abordar a história da literatura nacional, Bosi<sup>8</sup> afirma:

Os escritos de ficção, objeto por excelência de uma história da literatura, são individuações descontínuas do processo cultural. Enquanto individuações, podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes no seu tempo.

Dessa forma, como diz Eagleton<sup>9</sup>, a “definição de literatura fica dependendo mais da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido”. Em outras palavras, a literatura seria definida mais pelas várias maneiras como as pessoas se relacionam com a escrita do que por um conjunto de qualidades inerentes a determinados gêneros de texto. Nesse caso, qualquer peça escrita pode ser lida de forma a extrair-se dela conteúdos pragmáticos, como pode ser usufruída em seu sentido poético. Tanto é que, em algumas sociedades, a literatura teve, como ainda tem, funções nitidamente práticas, seja no campo religioso, moral ou em qualquer outro.

Para o senso comum, literatura é a escrita considerada “bonita”, sem que se explicita exatamente o que se entende por “escrita bonita”. Dessa constatação, contudo, decorre a ideia de que literatura é um tipo de escrita bastante valorizado e de que, portanto, não pode ser compreendida como uma categoria objetiva, no sentido de ser eterna e imutável. Isso porque o juízo de valor que uma determinada sociedade emite a respeito dos fenômenos que observa é notoriamente mutável, de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>8</sup> BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo, Cia das Letras, 2002, p. 10.

<sup>9</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6.ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 12.

Existem, evidentemente, certas obras literárias que parecem conservar seu valor através dos séculos. Mas isso ocorre, como explica Eagleton<sup>10</sup>, pelo “fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses” ou porque “conservamos muito das preocupações inerentes à da própria obra”. Mas há ainda a possibilidade de valorizarmos as mesmas obras por centenas e centenas de anos, de modo e por razões e interesses completamente diferentes.

O que determinariam, então, essas razões e esses interesses no seio de uma coletividade? A maneira pelas quais as pessoas reagem a uma determinada obra depende de muitos outros fatores além dos puramente ditos literários. As reações críticas estão profundamente ligadas a um sistema de crenças, preconceitos e demais formas estruturadas de ver o mundo, que nem sempre é consciente por parte da maioria dos indivíduos.

Para concluir, pode-se dizer que, embora a literatura não seja um fenômeno que se possa definir objetivamente, a compreensão do que seja o fazer literário mantém estreita ligação com as ideologias sociais e afirma-se nos pressupostos a partir dos quais determinados grupos exercem e mantêm poder sobre outros.

### **Referências bibliográficas**

AMORA, Antônio Soares. *Introdução à teoria da literatura*. 18.ed., São Paulo, Cultrix, 2010.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6.ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8.ed., São Paulo, Cultrix, 1975.

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 18.